



Deixa-me ficar de braços sobre a ilha

Olinda Beja

São Tomé e Príncipe

Essa ilha longínqua e bela é o que de mais forte tive na vida. Deu-me o que eu mais queria, excitou os meus sentidos todos mesmo os mais recônditos, aqueles que eu nem sabia que tinha, aqueles que estavam tão dormentes que só o tamborilar dos teus dedos consegui trazer à flor da pele. Só por isso perdoo a mim própria a minha tão grande solidão. A solidão e o desprezo a que fui votada. Votada não. Ostracizada.

É de lá, dessa ilha, que eu retorno ao teu corpo. Belo, muito belo, de um negro lúcido, simetricamente desenhado de membros, retangulado de uma face sorridente. Só de lá conseguirei contar-te o que tem sido este meu percurso quase final em terra estranha, em terra oca e podre como uma ferida a gangrenar na árvore da vida.

Mas é aqui, neste bairro de duendes e gnomos onde tudo é real e irreal, neste bairro onde eu vim parar na leva de gentes que voltaram à terra lusa, que me perco em busca do teu corpo. Que talvez ainda reencontre num qualquer salão de magia onde me enredo em palavras de mulheres que tentam enganar-me a troco de umas quantas moedas. Que sim, que voltas, que nunca partiste naquela estrada de Neves, que foi tudo uma encenação



para te afastarem de mim, outras afirmam que estás escondido no mato, no òbô, como chamam aí na ilha, outras mais audazes com salão de luxo na zona mais chique da cidade, essas que me pedem primeiro o cheque e só depois dão a consulta, essas dizem que estás casado no estrangeiro mais precisamente num país onde se fala inglês. Que espertas que elas são, ou não, assim é melhor... elas não são mais do que a piedade de me fazerem o favor de um sonho. Então eu saio e percorro o mapa mundo que os olhos já um pouco nevoentos me atraçoam mas é lá que tento localizar os países onde se fala tal língua e depois... depois há o lugar do desconhecido, são tantos os países, tantos e imensos, Estados Unidos, Austrália, Canadá, Inglaterra, África do Sul... quem sabe se eu acredito... quem sabe?!

“Ainda há-de vê-lo entrar pela porta dentro”

afirmou-me convicta Madame Nely, a vidente mais cara que consultei em Lisboa (resolve todos os casos de amor mesmo os mais difíceis, faz e desfaz casamentos, amarra e desamarra amantes e desamados...), e jurou a pés juntos, após um transe bem conseguido, que estavas a caminho de Lisboa. Que magia senti naquelas palavras! Quase acreditei! Quase! É o que me tem valido neste outonar de vida, é acreditar sem acreditar... se assim não fosse há muito que estaria como tantos compatriotas retornados num qualquer hospital, na ala da psiquiatria.

Como um cego a tatear a luz, assim eu fiquei sem ti.

Foi bom para ti não teres, como eu, enfrentado a solidão. Feita de tantas manhãs de raiva e dor, noites de angústia, revolta, tardes a olhar o imenso mar, nossa sonhada rota de evasão. Rota de todos os caminhos e descaminhos que ora derivam deste mar, desse mar, do nosso uniformizado mar. Que sempre derivaram. Desde que... Eram portugueses os primeiros?

E trouxeram e levaram gentes, muitas gentes. Escravos, merca-



dores, degradados, foragidos, criminosos, condenados, genoveses, franceses, judeus... Bem, melhor será não. Não vou nem quero falar de judeus. Crianças inocentes arrancadas ao colo das mães naquele cais de Lisboa sem império. Ou antes com império de sangue. De mortalhas. De vinganças sórdidas em povos martirizados, filhos de um deus menor. E um dia já não sei por que motivo me falaste nessas crianças judias. Que chegaram à ilha e aí ficaram. Entregues ao seu sórdido destino. Por ordem real. De um príncipe que de perfeito só teve o cognome mas não muitos dos seus atos. Por isso tu foste um mosaico. Me falaste assim um dia.

“Olha bem para mim, pele de africano, mãos de francês, tristeza de português, olhos de judeu...”

Rimos os dois, ah, era então isso o mosaico?! As crianças judias, na verdade, nunca riram, nem os escravos, nem os deportados. Nem os contratados. O riso nasceu apenas do pranto e do canto idolatrado em cada peito vigoroso, em cada gesto audacioso e rude, em cada olhar determinado. O riso nasceu naquela gente agrilhoadada condenada a uma morte lenta de tantos navios negreiros em demanda de outras terras, transportada como mercadoria e deitada ao mar quando estava doente ou dava sinais de revolta.

Foi assim “em Setembro de 1781, a bordo do Zong, de Liverpool, que largou de São Tomé com um carregamento de quatrocentos e quarenta escravos e dezasseis tripulantes. Uma calmaria imobilizou o barco que se viu a braços com uma epidemia que matou sete tripulantes e sessenta negros. A maioria dos sobreviventes ficou tão debilitada pela disenteria que seria duvidoso que alguém desse alguma coisa por eles na Jamaica. Em 29 de Novembro, já à vista das Índias Ocidentais, o capitão Luke Collingwood informou os seus oficiais de que só havia duzentos galões de água, o que não chegava até ao fim da viagem. Se os escravos morressem de sede ou de doença, os prejuízos recaíam sobre os



armadores do navio e sobre ele. Mas, se fossem deitados ao mar, o seguro pagaria a indemnização legal.

O imediato manifestou o seu total desacordo, afirmando que havia água suficiente e que talvez chovesse. Porém, o capitão Collingwood fez orelhas moucas a todos os pedidos de clemência que lhe fizeram, «mandou apartar cento e trinta e dois escravos e obrigou a tripulação, por turnos, a atirá-los ao mar. O primeiro “fardo”, cinquenta e quatro escravos, foi lançado aos tubarões nesse mesmo dia. A 1 de Dezembro foi borda fora mais um grupo de quarenta e dois. Nessa noite choveu bastante e apararam água suficiente para todos até ao porto. Mas o capitão tinha o seu plano estabelecido e, uma semana depois, mais vinte sete negros foram manietados e obrigados a andar em frente, no convés, até caírem ao mar. Dez saltaram por seus próprios pés, sem necessidade de “auxílio dos marinheiros”.

«A 22 de Dezembro, o Zong chegou a Kingston. Luke Collingwood vendeu os seus escravos. Alguns, que ninguém quis comprar, abandonou-os no molhe. Lá morreram de fome e sede. No último dia da sua estada em Kingston mandou a maioria da tripulação para terra. Então, de surpresa, mandou levantar ferro, acusando os marinheiros de deserção. Assim evitava pagar-lhes quase um ano de soldo. Collingwood gabava-se de enganar os compradores dos seus escravos atacados de disenteria, pelo simples processo de mandar o médico tapar os cus dos doentes com estopa”.

“Quando chegou a Liverpool, Luke Collingwood reclamou à companhia de seguros trinta libras por cada um dos cento e trinta e dois escravos que tinha mandado deitar ao mar.”

E o teu povo ilhéu sofreu na pele e na alma todas essas hediondas e maquiavélicas travessias, esses calvários para os quais, na minha já tão longa existência, não consigo ainda encontrar justificação viável. Nem plausível. Mas foi com essa travessia pelo



deserto que nasceram as canções de esperança que sempre carregaste em tua voz. Que sempre ouvi na ilha mesmo em dias de trabalho escravo nos cacauzais, nas safras do café, na contagem dos coqueiros entre pântanos cheios de cobra preta... E as vezes subiam os morros, as encostas, desciam até às margens dos rios onde as mulheres lavavam roupas e mágoas com seus infantes junto ao coração!

Muitas foram as vezes que invejei a tua saga, o teu caminho ancestral percorrido de caravelas, bergantins, navios negreiros mas que um canto de sereia trouxe vitorioso à flor das águas. Tenho imensa pena que hoje muitos dos jovens do teu povo já nada saibam desse passado que seus avós trilharam e sofreram ao ponto de morrerem com suas pernas gangrenadas, seus braços defeituosos, seus corações despedaçados.